

A MÚSICA INSTRUMENTAL NA IGREJA UM ESPAÇO DE LOUVOR, ADORAÇÃO, EDUCAÇÃO E DEVOÇÃO

João Carlos da Silva¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivos analisar práticas musicais em igrejas evangélicas não somente quanto a sua essência espiritual mas como agência de transformação social, canal de educação e alicerce de fé além de destacar ações educativas com finalidades de ascensão social; busca identificar a presença do educador musical e sua importância no ensino de nos espaços religiosos e como este se processa em espaços tidos como não formais evidenciando atividades musicais no contexto escolar e no religioso com jovens e adolescentes que buscam uma formação profissional em música. A metodologia baseada em critérios qualitativos é uma prévia dos resultados obtidos em nossa Dissertação de Mestrado defendida em 2020, cujos resultados foram obtidos em entrevistas, ensaios, visitas a igrejas, quartéis e a unidade escolar na qual trabalha o pesquisador; finalmente, como resultado da pesquisa, mostrar a relevância entre docentes e líderes musicais evangélicos, chamados de Ministros de Música e seu papel cultural e eclesial visto nos setores de trabalho com música, grande parte deste contingente é oriundo das instituições escolares musicais das igrejas evangélicas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação musical, Professor, Ministro de Música, Profissão, Vocação.

ABSTRACT

This article aims to analyze musical practices in evangelical churches not only as to its spiritual essence but also as an agency of social transformation, channel of education and foundation of faith, in addition to highlighting educational actions for the purposes of social advancement; it seeks to identify the presence of the music educator and its importance in the teaching of music in religious spaces and how this is processed in spaces considered as non-formal, highlighting musical activities in the school context and in the religious context with young people and adolescents who seek a professional training in music. The methodology based on qualitative criteria is a preview of the results obtained in our Master's Dissertation defended in 2020, whose results were obtained in interviews, rehearsals, visits to churches, quarters and the school unit in which the researcher works; finally, as a result of the research, show the relevance among teachers and evangelical musical leaders, called Ministers of Music and their cultural and ecclesiastical role seen in the sectors of work with music, much of this contingent comes from the musical school institutions of evangelical churches.

KEYWORDS: Music Education, Teacher, Music Minister, Profession, Vocation.

¹ Mestre em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas pela UERJ/FEBF; bacharel em Regência de Banda pela UFRJ; licenciado em Educação Artística/Música pela UNISUAM e em Letras pela Universidade Souza Marques; Professor de Música e Maestro da Banda de Música da FAETEC, RJ, Unidade: ETE João Luiz do Nascimento, Nova Iguaçu, RJ; Membro da PIB Heliópolis, Belford Roxo, RJ; e-mail: jcmaestro2008@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

“Ora, pois, trazei-me um músico [...] que saiba tocar bem”.
(II Reis, 3:15; II Samuel 16:17).

Vivo a estrada musical desde a infância, quando entre 9 e 10 anos de idade fui musicalizado em nossa casa e simultaneamente numa igreja evangélica e ali já se desenhava uma carreira musical, com ensinamentos musicais ministrados mais tarde também na escola tida como uma educação formal; aprendi música na igreja baseado em Júnior (2012, p.23) com “a decisão de aprender é voluntária”, com um estilo que se reflete na disciplina, gratidão, religiosidade, ética e cidadania com vistas a nossa ascensão profissional. A música uniu magistério e ministério carregados de sacrifícios mútuos, sob o prisma pedagógico reforçado por este pesquisador: Silva (2020, p.128) sendo a igreja, como um espaço não formal para o ensino musical, mesmo exercendo funções eclesiais, divulga e desenvolve música “com fins culturais”.

Quando se trata de função ministerial musical, somam-se dedicação e vocação, atributos e habilidades necessárias para o seu pleno funcionamento quer na igreja, quer na escola e para tanto, como sujeitos ativos e vivendo em *reexistências*, dedicarmo-nos ao ministério-magistério através da música instrumental evangélica e tomarmos posse deste chamado vocacional e dela nos apropriarmos, pois “Magistério e a Música [permanecem] alinhados nos degraus de conhecimento e envolvimento cultural”, seguindo a linha de pensamento de Silva (2020, p.78); porém, parto (partimos) do princípio que sou (somos): “um professor consciente de suas possibilidades transformadoras” (SILVA, 2020, p.130, apud. VOLI, 2002, p.11).

O líder precisa desenvolver tais aptidões concernentes ao relacionamento pessoal e como liderar os seus; a música tem esta força, um amplo recurso didático e psicológico para funcionar a contento; em igrejas, em cursos livres e até mesmo nas escolas de padrão curricular estabelecido em lei como ambiente formal de educação, ela transforma e serve de degraus de inserção profissional, servindo como elementos de identidade e que Loureiro(2013, p.219) trata-a sendo um “trabalho como gerador de solidariedade”, pensamento ilustrado por Lessa (2017, p.7,8):

O ministério de música na igreja, de alguma forma, tem colaborado substancialmente para a construção desta história musical na vida de muitas pessoas [...]. Com a atuação deste ministério nas igrejas por meio das escolas de curso livre de música, muitos jovens e crianças foram iniciados nos estudos musicais, grande parte dos músicos renomados que hoje são conhecidos, passaram em algum momento de sua formação musical pelo ambiente eclesial [...]. Construir música nos espaços religiosos, escolas institucionais e outros é uma importante contribuição à sociedade.

Portanto, como maestro, professor, educador, ratificamos Freire (2010, p.70) de que nosso papel fundamental está na contribuição positiva para que o educando construa eticamente sua formação com o “apoio e ajuda necessária de um educador”, fato reforçado por Perrenoud (2000, p.151) confirma que aprender e fazer música também na igreja é uma ação contextualiza em um “ecossistema estimulante”, favorecendo a evolução de cada um; neste farto campo, transitamos entre o secular e o religioso trabalhando com a arte divina com a qual fomos presenteados para edificar vidas (SANCHES, 2007, p.17).

Envolvidos que somos nos diversos contextos musicais tanto sacra, popular e cívica, nosso campo de investigação leva-nos a transitar por diversos espaços de interesse social, cultural, acadêmico, refletindo sobre a vida do músico não apenas *dentro da igreja* e sim num amplo contexto social; afinal, baseados em Freire (2010, p.99) todos temos um “sotaque musical” nascido em contextos sociais e que fazem intercâmbio com outras atividades culturais visto que nossa formação acadêmica está aliada à vocação; tanto o ministério como o magistério nos preparam para a vida, defende Filho (2009, p.25,26).

Perrenoud (2000, p.161) nos desafia então como líderes musicais a abrirmos a “escola para a vida”, tornando a ação pedagógica mais ativa, produtiva, participativa; evidentemente não se referindo apenas à escola em si, pois a igreja também representa um ambiente de educação que além de seu papel litúrgico-devocional, contribui para a plena ação artístico-educativa; afinal, “a vida é música contínua [...] Deus encheu o universo de música e músicos”, segundo Sanches (2007, p.17) e que reforça nossa narrativa quando vivemos de forma interrupta nesta atividade divina já que desde a fecundação ao nascimento, todos curtimos sons que nos alegram e nos incentivam a compartilharmos a essência da vida.

A música religiosa está ligada a sentimentos pessoas por se tratar de um elemento altamente psicológico, portanto é evidente ser a música uma arte funcional e de convívio social, tendo o poder de transformação por ser um instrumento de exaltação e louvor e que traz lembranças e emoções, cuja intervenção artística influencia-nos cotidianamente, trazendo a todos uma enorme sensação de bem-estar espiritualmente. Logo, não se pode ter uma música diferente para cada igreja, todas focam na adoração e devoção.

Louzada (2017, p.16,45) então destaca tal relevância congregacional:

É notório que na prática coletiva a sociabilização torna-se constante [...] influência nas relações que se estabelecem entre os participantes e estas vão muito além de um simples ambiente harmonioso[...]. As igrejas evangélicas têm seu papel fundamental para a inserção da música na sociedade, possibilitando a inclusão da comunidade neste contexto [...].

A música é um elemento de reforço cultural e exercendo o papel de expressão peculiar o que identificamos em quaisquer culturas devido ao seu significado associado a atividades eclesiais reforçando os sistemas de valores da vivência social-religiosa que nos enleva, reforçado por Hustad (1981, p.26-39).

Rocha (2018, p.2 & 2019, p.137,151) reconhece a música sendo importante na vida do homem devido ao seu fator socializador, sendo utilizada nos mais diversos campos da vida humana e sempre presente na sua área material e subjetiva. E esta característica interativa também se refere à música sacra aplicada e recebida por parte de estudantes para sua formação musical e que tem formado uma grande parcela de profissionais, contribuindo para a boa qualidade no mercado de trabalho e sempre bem qualificados e competentes; o autor ratifica que muitas igrejas evangélicas têm buscado valorizar a música nos cultos enfatizando a necessidade de uma educação musical de seus fiéis, mesmo “que informalmente”; afinal, “a música não é ensinada apenas nas escolas, mas [...] instituições não escolares e nas igrejas”.

Outrossim, importante ressaltar que as atividades musicais no contexto religioso, independente do devido credo são e estão direcionadas, perpassadas e vocacionadas na própria trajetória já que pois desde a tenra idade aprendi (emos) que o povo evangélico gosta muito de música e que em todas as suas reuniões eclesiais há sempre a parte inicial preenchida com cânticos, até mesmo das mais simples igrejas sem grandes aparatos instrumentais às mais sofisticadas, sempre haverá algum tipo de instrumento em suas inúmeras celebrações eclesiais como ocorrem nos congressos da denominação batista na AMBF² bem como nas demais associações pertencentes à AMBB³; como palestrante, instrumentista, regente de Big-Band, considera Silva (2003, p.26):

Não se conhece um só país ou agrupamento humano que não tenha sentido a necessidade de traduzir suas emoções através da música [...] a música na igreja tem que criar uma atmosfera de louvor pois este louvor leva o crente ao altar do Senhor constantemente, em forma de edificação.

² Associação dos Músicos Batistas Fluminense;

³ Associação dos Músicos Batistas do Brasil.

Schafer (1992, p.294,373) destaca a relevância social da música sacra promovendo a integração entre pessoas buscando alegria como parte do *rebanho*, além de promover o convívio, restabelecer a alegria e o orgulho dos povos de todos os lugares:

A música pode ajudar a promover por exemplo, a sociabilidade, a graça, o êxtase, o fervor político ou religioso [...]. Uma das maiores vantagens da música é que ela pode estimular o bem-estar social. Este não é seu objetivo, mas pode ser um dos seus resultados.

Para Noland (2002, p.72,73, 85), o local onde os músicos também “aprendem uns com os outros e estimulam-se [mutuamente], e [...] precisamos encorajar uns aos outros”; o músico não pode sentir-se isolado dos outros pois precisam de confraria e não pode ser como “soldados solitários”, visto que as bandas nas igrejas evangélicas buscam valorizar atividades e experiências não-escolares e ligadas à formação profissional à cultura geral, pois suas aulas de música realizadas nas dependências *do templo* reforçam a riqueza que esses espaços apresentam para uma firme educação social.

Silva (2020, p.128) que também exerce a docência, frisa ter a música além do poder de superar quaisquer barreiras sociais e em ambos contextos educacional e eclesial, onde a música principalmente na igreja torna-se um importante veículo de fé e fervor aliada ao fato de ser além de um instrumento de capacitação, desenvolvimento de capacidades e habilidades pessoais e desenvolve música também “com fins culturais”; não se pode perder de vista que os instrumentistas na Igreja precisam ter a consciência de que a música tem valor e foco teocêntrico e nunca antropocêntrico Luz (2019, p. 31).

Logo, os conjuntos instrumentais são meios tradicionais de produzir a felicidade do *rebanho* através da qual a música corrobora para o agrupamento, firma a graça, o êxtase, o fervor religioso, a motivação, combate o desequilíbrio cultural restituindo o orgulho de servir, visto ser a música na igreja um instrumento de propagação do amor de Deus, como se vale Silva (2003, p.27); quando se congrega coletivamente para o culto a Deus, não pode haver concessões em relação ao gosto pessoal; busca-se sim a integração e interação entre todos os demais *cultuantes*, pois a música favorece a espiritualidade onde a coletividade interfere positivamente como canal de fervor e fé.

Como líderes, logo, nossa atuação musical representa segundo a fala de Figueiredo (2015, p.16) “sinais simbólicos da religiosidade”; fato analisado a partir das músicas executadas, das canções entoadas sendo instrumentos de “relação entre as experiências religiosas individual e comunitária”; e os resultados desta prática musical coletiva é reafirmada por Cunha (2013, p.345-355):

O fazer musical integra as noções de que a música é o resultado da ação de pessoas engajadas em tocar, escutar, improvisar e [por] envolvem aspectos da cognição e da afetividade relacionados com o contexto social e cultural de ouvintes, [...] o fazer musical se torna uma ação composta, complexa, derivada de diferentes fazeres e interações. [...] Percebe-se, portanto, daí ser a produção musical uma prática colaborativa que acontece no seio de um determinado ambiente histórico e cultural [...] família, a escola e a igreja. Neste sentido, as igrejas despontam como espaços que suprem essa ausência de oportunidade de sensibilização e de formação musical.

Louzada (2017, p.17,24) considera que a prática coletiva musical nas igrejas evangélicas é centrada nas apresentações de seus variados grupos instrumentais não apenas nos cultos, assim como em recitais programados em atividades festivas, sendo portanto um contínuo processo em consolidação pois tais ações culturais trazem benefícios relacionados à própria participação dos musicistas inseridos nos inúmeros espaços sociais democráticos contextualizando a vivência musical em grupo como tem sido nossa atividade musical.

As diversas formações de bandas e orquestras nas igrejas evangélicas foram criadas tradicionalmente para atender às suas atividades eclesiais institucionais, contudo passaram a atender também a um contexto social em torno de suas próprias periferias urbanas, as quais estão interligadas como sendo suas próprias comunidades e que por intermédio dessas, ocorrem experiências de manifestações e atividades cívicas que representam ações de saberes sociais mesmo de fundo religioso.

Como um compromisso comunitário passa a trabalhar também em funções pedagógica e patrimonial, e sempre presentes em momentos significativos do próprio grupo musical, que no caso, vem em busca da manutenção e preservação do referido patrimônio cultural traduzido em emoções e em valores no papel de comunicação, agregação e integração considerados fatores básicos para a inclusão social e não tentando sobreviver isoladamente cada um em seus guetos musicais, seus próprios naipes ou em sua redoma eclesial. Andrade (1989, p.115) destaca a funcionalidade das nossas bandas e o reconhecimento do seu valor educativo, cultural e sociológico:

Outro aspecto importante das funções da banda de música está ligado às Igrejas Evangélicas, principalmente, às Igrejas Assembleia de Deus [...]. Nas Igrejas desta denominação pentecostal, há poucos organistas ou pianistas, mas existem muitos músicos de banda.

E Hustad (1981, p.254) continua seu destaque tendo a música instrumental de sopro em igrejas protestantes o papel de enfatizar o cântico pois a música na igreja tem a função primordial de adoração e ensino; as aulas de Teoria Musical e Instrumentos que

em muitas igrejas são ministradas gratuitamente buscam neste espaço não formal uma formação básica como uma oportunidade de serem futuros musicistas como pessoas que demonstram talentos e intimamente a fé e buscam a valorização e seu objetivo humano em busca da arte, vendo na música da igreja um degrau de ascensão profissional, como muitos de nós; aqui, conforme declara Schafer (1992, p.193): “O universo em que habitamos é a nossa orquestra”.

A música atrai, supera barreiras sociais e que talvez não haja maneira mais eficaz de atrair uma pessoa do que tocar ou cantar algum tipo de música; afinal vivemos no universo da música e aqui fazemos parte da orquestra que é a nossa própria vida como destaca Ichter (1980, p.25, 57); desta forma estão ali conscientes e compenetrados de que podem modificar uma sociedade mesmo sendo um pequeno lugarejo, organizados numa imensa orquestra comunitária, utilizando a música não apenas no aspecto religioso, mas como ferramenta familiar e social, em busca cada um de seu próprio ideal, sentimento este que representa para o ser humano seu objeto de aspiração constante, em busca de algo maior, um ideal que todos temos em sublime ideal, foco de nossa vida enquanto aspiração.

Cabe então destacar Duarte (2002, p.24,25) e Júnior (2009, p.22) que ratificam a relevância da música moldando o caráter humano, sendo um instrumento facilitador e falando à alma das pessoas e sendo um agente socializante concorrendo para interligar diferentes pessoas numa comunal expressão de sentimentos; eis portanto a função da música religiosa. Evidentemente, como docente sem deixar de lado afeições e sentimentos como sujeitos da educação e da devoção, a simbologia musical torna-se um canal de expressividade e de dinâmica motivadora além de atuar com estímulo injetando nas pessoas intenções expressivas e motivacionais.

Davi (2015, p.3) constata a importância de canções musicais que marcam a memória, educando, ensinando valores da vida cristã e realça que a música tem todos os efeitos necessários para estimular a memorização de textos que compartilham valores, princípios, costumes e práticas litúrgico-rituais. Portanto a igreja sendo considerada como local de incentivo e fomento musical revela-se pela sua importância dentro do próprio Ministério de Música, órgão este que coordena e põe em execução todas as atividades musicais da igreja, através de um programa elaborado por seus envolvidos, oferecendo espaços e oportunidades às pessoas aliás que quando ministradas pedagógica e espiritualmente tornam-se membros ativos participativos e inspiradores.

Seguindo RECK (2012, p.160,162,166,168):

A música sempre exerceu uma importante função histórica na religiosidade protestante [...] [onde] o ambiente religioso se apresenta “como um espaço de novas e fascinantes experiências musicais [cuja] aprendizagem musical ligada aos rituais das igrejas, através de ensaios e serviços eclesiais visam não apenas à preparação de um repertório específico, mas um conhecimento amplo para a cultura das pessoas [...] [e] os alunos sempre guardam lembranças enquanto componentes de grupos musicais e suas relações familiares, religiosas e sentimentos proporcionados pela convivência musical.

Neste contexto docente ministerial então, Freire (2010, p.23,99 &2009, p.83) concorda em que é clara a grande importância com relação à identidade que temos como educadores quando envolvidos na prática educativa num consenso educacional: “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro”, e enfatiza quanto ao relacionamento entre docente e discente quando declara: “Precisando conhecer a realidade onde vivem nossos alunos”.

Sanches aponta que “ser músico exige mais que talento” (2007, p.18), o que requer disposição, disponibilidade, vocação, submissão, talento e coração; e reafirma Silva (2001, p.24) que toda e qualquer pessoa quando experimenta um contato com a música, fê-lo por meio da emoção e pela força que se comunica entre os seres humanos; é uma atividade musical exercida de forma educacional, onde as aulas realizadas no ambiente da própria igreja, espaços estes utilizados por diversas denominações religiosas e funcionam como verdadeiros ambientes-escola, com destaque de Freire (2010, p.41,47): [...] “assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, [...], transformador, criador, realizador de sonhos [...]”.

Partindo de experiências educacionais colhidas, saber ensinar é não se limitar apenas a transferir conteúdos e conhecimentos; é preciso criar possibilidades para esta produção seja decididamente uma construção como um ato de fé, como nossa contribuição ministerial, um instrumento que venha suprir as necessidades espirituais de cada comunidade eclesial, conforme nos orienta Figueiredo (2015, p.18).

Busca-se na música sua utilidade social como também um instrumento de fervor “religioso”, mas como um verdadeiro sujeito que forma caráter, conforme destaca Feitosa (2005, p.21); e nesta perspectiva como vocacionados e comissionados, usamos os talentos musicais como docentes onde coralistas ou instrumentistas tornam-se um manancial de vida alegre e abundante e que mesmo nas tribulações diárias afetem o espírito humano resultando motivação e adoração.

E Coropos (2009, p.10) nos desafia então que “para todo músico – que vê no seu talento um presente dado por Deus [...] é tempo de transformarmos talentos em dons” e muitos são portadores da performance musical adquirida sendo *músico de igreja*, virtuosidade esta dependente da técnica e da capacidade artística do executante, como tão bem reforçam Pereira (2019, p.10), Duarte (2002, p.24,25) e Júnior (2009, p.22) sobre a relevância da música por moldar o caráter humano, sendo um instrumento facilitador e falando à alma das pessoas através de docentes e ministros tidos como sujeitos transformadores e concorrendo para interligar diferentes pessoas numa comunal expressão de sentimentos, sendo tidos como agentes de transformação e de socialização.

Sem dúvida, Stefani (2006, p.24,25) atesta que a música em quaisquer períodos, entre cristãos e não-cristãos, educadores e pensadores reconhece o poder expressivo da música na vida das pessoas, assim como influencia nossas emoções e o nosso estado de espírito, afetando o comportamento humano. E os músicos, na visão de Noland (2002, p.260), tornam-se “amigos [que] aprendem a desfrutar da companhia uns dos outros [e] crescem em seu relacionamento”.

Portanto, Magistério e Ministério identificam-se como uma questão de chamado, uma vocação e em função desta missão social, relevante que sejamos “alegres musicistas”, como reconhece Sanches (2007, p.18); um mestre (+) ministro, convocado para a missão de educar, de ministrar, de ensinar, exercer do magistério, do ministério através da chama acesa da motivação, cognição e da devoção. A música nas diversas celebrações religiosas tem então a função de revigorar e mediar a transformação na vida das pessoas e que através deste seu sacro ritual e desempenhar funções de estímulo de fé.

1 Uma Herança Afro Musical.

A tradição musical religiosa dos afrodescendentes tem em algum ponto o cuidado e a estima do lugar convenientemente tido como o ambiente religioso o é como superador de barreiras sociais e discriminatórias. Esta música retrata a história negra musical, embasando a triste história da afro escravidão através dos acalentos *negrus spirituals* ⁴representada pelos cânticos entoados pelo negro escravizado, na qual a ideia central deste gênero esteja em sua expressão artística além do seu conteúdo teológico, cujo gênero

⁴ Música folclórica dos negros norte-americanos, entre o fim do século XVIII e o início do século XIX, como cantigas de lamentações de fundo comovente e lembrando de sua terra natal, entoadas através de vozes e danças alicerçadas na melancólica luta pela libertação.

musical-vocal além de sua essência fervorosa, tornou-se um canal como salienta Silva (2020, p.19,81,82) para promover a visibilidade musical dos negros.

Lima & Souza (2017, p.32,33,37) defendem ser este gênero responsável pelo convívio de: “relações sociais constantes [e] uma arma essencial na resistência cultural [...] da música como estratégia de mobilidade social”. Forma musical ligada à vida dos escravos africanos como canções de trabalho após a fadiga da dura vida diária e inspirados na promessa divina de libertação, representando uma maneira de compartilhar a servil condição da escravidão em busca de um “país livre” a que chamavam de “minha casa”; essas músicas de origem africana eram entoadas em forma de gritos, lamentos, choros de lamentação em danças, acompanhadas basicamente de instrumentos de percussão” (CAMPOS, 2012, p.30).

Daí, a influência da música no ser humano utilizada como instrumento de arte e cultura, abrindo espaços para a inclusão social e galgando posições de destaque na sociedade vindo reforçar a veracidade quando fazemos alusão ao quanto o spiritual remonta horrores sofridos pelos negros quando arrancados do sua terra, de seu continente quando trazidos da África e toda sua musicalidade evocativa em forma de uma fuga evasiva, emocional e espiritual; uma música predominantemente coletiva servindo também como um dos propósitos reais da música na igreja como uma expressão com base na fé da perspectiva futura, como constata Silva (2020,p.50,52,61) que no cotidiano da vida:

[...]homens e mulheres simples buscam a transformação de vida através da música [quebrando] o silêncio da população chamada *de cor* [pois] a musicalidade do negro entrou e se sedimentou nas entranhas da alma brasileira em forma de canto e instrumentos utilizados como elementos de aculturação.

2 Música – Uma Equipe Afinada

A música então é vista como função coletiva e que leva o povo participar, cantar, alegrar-se, deixando de ser meros refugiados culturais, conforme a declaração corroborativa de Aigner (2016, p.12,13), e que tem levado líderes musicais a uma dúvida ministerial um tanto intrigante e que nos leva à seguinte indagação: “Como seria em diversos contextos sociais e temporais, a música utilizada como cultural, acadêmica, litúrgico-devocional ou ambas de forma contextualizada?

Como educadores musicais é importante “ressaltar a produção coletiva, horizontal e comunitária do espaço social por meio da música [...] um espaço social organizado [...], se constitui um espaço [...] à inclusão social de pessoas discriminadas [...] por sua raça (NEDER, 2016, p.140,142,157).

Logo, seguindo Silva (2001, p.25), a música sacra passa a ser um “enlevo litúrgico” onde este “sagrado ambiente” destaca a importância ministros e educadores ao escolhermos simplesmente uma determinada música, tipo “a música pela música”, sem contextualização, e sim canções que inspirem corações, utilizadas “como ferramenta para ampliar a visão de um mundo onde as artes influenciam valores distorcidos”, conforme Davi (2015, p.3), visto que a música pela música no contexto religioso não pode ser focada em performance artística apenas, na visão.

Coropos (2011, p.17,18) enfatiza que se trabalhamos com música em outras esferas, é preciso saber fazer e sentir a diferença, as oportunidades, experiências e práticas que a igreja oferece. E se você é músico na igreja, mas trabalha em outra área na vida, sabe que, de igual modo, sua vida não seria igual sem a vivência que você tem. [...] É um trabalho contínuo. [...] A música é ferramenta; o músico, um instrumento; daí, como líderes, devemos como defende Germano: “buscar a excelência no ato de ensinar [...], [realizando aulas e ensaios] estimulantes e motivadores [...] contribuindo com relacionamentos mais sólidos, fortalecendo a amizade e o companheirismo” (2018, p.25,49,52-54).

Com base em Martinoff (2010, p.68-72), as igrejas evangélicas valorizam a música em seus cultos, enfatizando a educação musical mesmo na informalidade, possuindo inclusive escolas de música não apenas para sua membresia mas a pessoas da comunidade. E destaca que até mesmo:

[...] o repertório congregacional foi aos poucos admitindo não apenas hinos congregacionais, mas também cânticos no estilo da música jovem contemporânea [...] esse tipo de cântico emocional, com letras pessoais e sempre acompanhado pelo conjunto instrumental eletrônico [e percussivo], tornou-se a música preferida nos cultos da atualidade, [definindo] o *clima do culto*.

Para tal, Hustad (1981, p.264,265) reforça a importância de também se trabalhar educação musical com faixas etárias diferentes em ambientes eclesiais:

Se o grupo de adolescentes é o que apresenta mais desafios e dificuldades para o trabalho, o dos jovens pode ser o mais compensador. Mentalmente, esses

moços estão no apogeu [...]. Isto em parte acontece porque a atividade musical oferece a sua própria contribuição para o amor-próprio, é uma excelente válvula de escape para liberar energia em excesso e emoções exageradas e encoraja a disciplina pessoal.

Talvez sejamos como a natureza que continuamente soa como “uma orquestra que toca música sem parar ou somos pobres mortais *diafônicos*, na concepção de Sanches (2007, p.17,18) ou somos como retrata Júnior (2012, p.22) seres humanos que precisamos de “vínculos sociais para fazer a sociedade funcionar através da música” ou ainda como “pessoas talentosas postos num pedestal”? (COSTA, 2012, p.17).

Há carência de educadores musicais na igreja assim como na escola formal, segundo Archângelo (2013, p.20) sofre pela falta de mão de obra “comissionada” para a docência; e a partir desta perspectiva, a autora declara: “A música na escola deve ter várias facetas com caráter socializador, musicoterapeuta, interdisciplinar e cultural e ao mesmo tempo desenvolver capacidades adormecidas no cérebro do aluno”.

A música na igreja tem seu ponto focal no *cristo-cêntrico* e em se aproveitando desta diretriz, as bandas trabalham músicas também com uma mensagem social evangelística e envolvente pois todos trabalham juntos e um ao outro se ajudando, fortalecendo em muito a auto estima individual, assim como o desenvolvimento das habilidades e conteúdos musicais em atividades comunitárias, cabendo-nos então destacar que as atividades de cada grupo musical fortalecem laços de fraternidade cristã e cultural contribuindo para uma melhor unidade dentro de cada grupo, como bem salienta Figueiredo (2019, p.6,7).

Tal assertiva vem embasada por Silva (2020, p.56,59) ao destacar que:

Na igreja, a música funciona não apenas como elemento e fervor religioso, atuando também como uma forma de promoção social, sendo um local de incentivo profissional [alcançando] um imenso número de músicos [...]ganhando projeção [...] artística e acadêmica, utilizando a música como um elemento educacional, em espaço não-formal, como [...] a sua igreja.

Cardoso (2006, p.20) esclarece que uma adoração comunitária é estar com quem convivemos e que nos faz bem e necessário a convivência, o compartilhamento; esta motivação para se fazer música vem destacada por Araújo (2015, p.67) na relação entre alunos e professores onde ambos se motivam no processo ensinar/aprender gerando satisfação pessoal.

Neste caminhar no ensino/aprendizagem, Freire (2009, p.129) enfatiza que o método de ensinar requer paixão de conhecer o educando e que a educação decididamente é uma alavanca para a transformação social e que sem ela, nada acontecerá, nenhuma transformação se realizará; logo: “crescer entre nós é um processo sobre o qual podemos intervir”.

A igreja para atender aos compromissos, atividades e liturgias multiplica-se em diversos espaços não formais (aqueles onde se desenvolvem projetos sociais e educativos, como o ensino-aprendizagem musical, embora não estejam submetidos à legislação educacional); tais atividades em música direcionadas para cultos e reuniões nos lares e demais locais mas voltados ao trabalho religioso; e a música por ser uma atividade articulada com seus objetivos sociais também são tipos de abordagens de realização pessoal, profissional ou social e exercendo constantemente uma “*função redentora[...] e exercendo funções sociais*” (PENNA, 2006, p.38).

E argumenta a autora:

[...] os projetos educativos extraescolares, com finalidade social, têm mostrado a validade, no ensino das artes, [...] muitas vezes [...] voltadas para a formação global dos alunos, com o domínio do fazer artístico, inclusive como alternativa de profissionalização (2006, p.37).

Temos acompanhando a rotina e a trajetória de diferentes instrumentistas de conjuntos musicais, tanto escolar, civil, comunitária e evangélica; e uma grande parcela de músicos profissionais pela vida “à fora”, foram forjados e certamente começaram sua trajetória musical na igreja: seu primeiro conservatório e hoje como artistas e virtuosos lembram-se da confraria e agregação coletiva, onde a atividade eclesíastica se reforça em Hustad (1981, p.129,186) ao afirmar que esta ação musical representa a participação congregacional como elemento importante da música em conjunto, isto é, uma forma “*experiência coletiva de adoração*”.

Silva (2020, p.59) constata que até podemos sair, procurar e encontrar músicos que começaram na banda igreja com exemplos que serão em enorme quantidade nas bandas militares, bandas civis, Escola de Música Villa-Lobos/RJ, Universidade Federal no Rio de Janeiro - UNIRIO, a Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, o Conservatório Brasileiro de Música, a Escola de Música da FAETEC/RJ⁵; todas estas

⁵A Fundação de Apoio à Escola Técnica do Rio de Janeiro, instituição educacional ligada à Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia mantém além de seus cursos técnicos, escolas e bandas de música em várias unidades, na qual este pesquisador é professor concursado de 1988.

instituições estão situadas na Região Metropolitana⁶ da cidade do Rio de Janeiro, além de muitas outras assim como em outras distantes terras: “ As igrejas produzem um imenso número de músicos que passaram [...] ganhando projeção [...] mas também artística e acadêmica, utilizando a música como um elemento educacional, em espaço não-formal [...]”.

E Rocha (2018, p.3) evidencia tal relevância: “As igrejas evangélicas na sua maioria possuem uma escola de música sacra própria, que atende não somente aos seus congregados em várias faixas etárias, mas também às pessoas da comunidade da qual faz parte”. Por conseguinte, temos que considerar portanto presença de inúmeros músicos evangélicos em escolas e conservatórios de música no RJ e que se torna destaques em quantitativo e em qualitativo, pois são muito interessados, disciplinados e tiveram seu conhecimento musical adquirido nas dependências da igreja onde gozou deste espaço comunitário com liberdade para praticar o que apreendeu e, conseqüentemente, participar de atividades musicais de fé e de comunhão numa educação musical idealizada que proporcione a transformação da realidade de pessoas da periferia na qual a igreja está inserida.

E cabe lembrar o registro feito por Bastos (2004, p.16):

Se há um povo que gosta muito de música é o evangélico. Na maioria das congregações, tal arte tem uma importância quase tão vital quanto à pregação e à oração. É quase inconcebível um culto em que não seja cantado pelo menos um hino ou cântico. [...] Difícil é encontrar uma reunião evangélica, qualquer que seja, onde não haja música e, é claro, músicos.

Ainda na visão de Rocha (2019, p.146), nas igrejas tidas como contemporâneo, o aparecimento *explosivo* do “fenômeno recente dos grupos de louvor que fica na responsabilidade pelos cânticos e adoração”, com a inclusão de bateria, guitarra elétrica, teclado e contrabaixo e muitos portadores de ótima performance musical adquirida como *músico de igreja*, virtuosidade esta dependente tanto da técnica como da capacidade artística do executante, conforme nos ilustra Pereira (2019, p.10).

Libâneo (2001, p.155-157) destaca então que toda ação pedagógica extrapola o âmbito escolar formal pois abrangendo outras esferas mais amplas que a educação não formal, possibilitando desta forma que toda prática educativa se torne um fato da vida social a partir do fato de que a própria educação está e sempre estará ligada à comunicação

⁶ Cidades e bairros localizados em torno da capital fluminense.

e à interação e nesta premissa da educação musical, o sujeito busca na música algo mais que a simples leitura e participação.

Portanto, a prática coletiva musical está diretamente ligada ao aspecto motivacional, fato que confirma seu valor comunitário e de total cordialidade entre seus membros distribuídos nos diferentes famílias ou naipes de cada instrumento musical e com certeza configura este sendo um ambiente sociocultural mesmo sendo uma igreja “evangélica” e exercer influente papel quanto à inserção do musicista na sociedade e mercado de trabalho, e esta vivência da música em conjunto ajudar na construção e manutenção destes verdadeiros espaços democráticos e essencialmente educativos (LOUZADA, 2017, p.10,45).

Cavalcanti (2015, p.189,196,209) insiste que “a prática instrumental é uma atividade integrada à rotina diária dos que se comprometem com o estudo do instrumento” e todos os que desejam se envolver com a música devem desenvolver habilidades não apenas referente ao aprendizado do seu instrumento, mas também “assumir compromissos pessoais, que irão se prolongar por [muito] anos de prática [...] o músico [...] precisa acreditar [e] crer em sua capacidade”. Importante ressaltar que as atividades musicais quanto ao contexto religioso, independente do devido credo, são e estão direcionadas, perpassadas e vocacionadas em nossa própria trajetória, pois desde a tenra idade aprendemos que o chamado povo evangélico gosta muito de música e que em todas as suas reuniões eclesásticas há sempre a parte inicial preenchida com cânticos e mesmo as mais simples sem grandes aparatos instrumentais, sempre haverá algum tipo de instrumento musical em solo ou em grupo dialogando entre si e com a “congregação”, tendo neste momento o papel enquanto promotor de sociabilidade e agregador como no destaque de Silvestre (2002, p.28,29):

Quando congregamos, isto é, nos reunimos coletivamente para o culto a Deus, fazemos concessões em relação ao gosto pessoal, buscando tolerantemente a integração e interação com os demais *cultuantes* e seus gostos particulares. [...] A música que favorece a espiritualidade no culto é aquela que contribui para que a coletividade [...] possa interceder.

Cabe-nos então destacar que a escola, assim como a igreja, é um “espaço de síntese” pois ali também aprende-se a razão crítica dos significados da intervenção educativa e despertando entre os musicistas uma íntima *solidariedade social*, segundo Libâneo (2001, p.169,170); portanto, música na igreja é uma realização em educação social, de construção da cidadania cujas atividades litúrgicas levam pessoas não apenas para o *espiritual* mas também ao profissional e ao social pelo crescimento e

desenvolvimento da instituição em primeiro lugar, depois o individual; e Rocha (2019, p.151) reforça tal importância quanto ao ensino não formal quando levamos em consideração que as aulas de música nas igrejas evangélicas não são estruturadas academicamente, mas de uma maneira mais informal, embora “puxada” (exigente) como nas escolares seculares.

Filho (2001, p.26) aliás ilustra até mesmo pela necessidade em que se determine uma normalização, um desafio no próprio grupo procurando destacar e valorizar cada vez mais a função coletiva do grupo em detrimento do individual em nossos conjuntos musicais visto que em nossas atividades uma “persona⁷” não pode prevalecer” pois quando trabalhamos em nossa prática coletiva, a música individualista não tem nenhum espaço. Esta trajetória busca afirmar também que este trilhar musical reforça os ideais de Freire (2000, p.162) quando afirma que “O nosso é um trabalho realizado com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca”, gente a quem consideramos como os nossos sujeitos sociais.

Lima & Souza (2017, p.32,78) destaca que além da importância em si musicalmente, temos como seres humanos a necessidade de convivemos relações sociais constantes e o impulsionam dentro de seu ambiente, inclusive artístico-musical; neste contexto então, as bandas torna-se um compromisso comunitário e sendo este também o foco de muitas igrejas de diferentes confissões quanto ao aprendizado da Música na qual sua função é interpretada como “*cultura da cordialidade, da unidade e da cooperação*” e que nos levou a trabalharmos musicalmente enquanto musicista, maestro, professor, acima de tudo colaborador nas ações sociais.

Rocha (2018, p.4,10) declara que em muitas comunidades de nossas periferias, as igrejas “tornaram-se espaço oficial de ensino musical”; consequentemente, pode-se acrescentar então que “a religião é um dos ambientes que proporciona e viabiliza a educação. Inserida neste contexto está a prática de ensino da música” e propagador da fé.

Ali então, neste espaço escolar não formal torna-se um referencial de reprodução de ideologias culturais: um sócio centrismo musical; afinal é um contexto ambiental educacional para se desenvolver inúmeras habilidades reconhecidas pelos pesquisadores Lima & Souza (2017, p.87) como “*um elemento motivador que influenciará o positivamente o seu comportamento bem como o das pessoas ao seu redor*”. Logo, o

⁷ Palavra italiana que significa pessoa, um indivíduo isolado quanto fora do contexto social.

ensino da música visa atender a uma demanda sócio-educativa não formal e que leva a “mudanças nos ritmos da vida” (LIBÂNEO, 2001, p.162)

Pessoalmente, temos vivido esta realidade em nossa trajetória profissional de forma comunitária e pedagogicamente interativa vivenciando quaisquer periferias urbanas, as pessoas que estudam música em igrejas são transformadas e influenciadas pelo local e inclusos no agrupamento onde se pratica esta arte, na perspectiva de Rocha (2018, p.12).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a busca pelo profissionalismo musical trazendo benefícios sociais para a própria comunidade e a importância da educação musical também fora dos espaços formais educacionais, mas que valorizam o estudo musical em forma de conjuntos e que como educadores temos em mente que a educação musical é um poderoso instrumento não apenas de ensino mas também uma abertura de desenvolvimento e convívio social.

Como educadores, é imprescindível que nos atentemos ao fato de que somos seres sociais e com o poder de transformadores de vidas através da educação musical pois a prática musical realizada coletivamente na Igreja incorpora pessoas, revigora aspectos comunitários principalmente entre os jovens, levando-nos a trabalhar e detectando como os jovens gostam muito de participar e de tocar toda sorte de instrumentos e despertando-lhes talentos. E seguindo a linha de pensamento de Germano (2018, p.33), as atividades musicais têm característica inclusiva pois elimina discriminações mantendo desta forma “o direito de igualdade de oportunidade” para todos.

Não se pode perder de vista e dar a ênfase que instrumentistas na Igreja precisam ter a consciência de que no ambiente religioso a música tem valor e foco teocêntrico mesmo sabendo como tantos musicistas evangélicos “*invadem*” as Academias, os Conservatórios em busca de aprendizagem e especialização, corroborando que o ensino de música nas igrejas evangélicas tem contribuído na formação de futuros músicos profissionais. Este pesquisador atuante e ativo musicista aprendeu música dentro da igreja e hoje atua também fora *das quatro paredes da igrejas* profissionalmente numa escola pública como professor de música e maestro da banda musical com aproximadamente 60 componentes, cuja grande percentual serem evangélicos e tendo aprendido música na igreja.

Logo, a relevância da música em atividades educativas e religiosas, assim como o local onde ambas se realizam, se contactam, não se podendo limitar as várias formas de conhecimento apenas ao construído visto que tal não pode ser o protagonista de transformação material da realidade através da ciência pois o sentido da vida diante da inevitabilidade produz o conhecimento teológico ou religioso que nos leva à promoção em caráter pluralizado na aquisição cultural. Sua manutenção como elemento de crescimento e de convivência social e cultural e que pode vir sintetizada por meio de um vasto conjunto das práticas de saberes, crenças, conhecimentos, costumes, hábitos, valores e normas costurando relações humanas, sujeitas a constantes transformações costuradas e unidas pela música como agente de transformação, educação, vocação e fé.

REFERÊNCIAS

AIGNER, Ricardo. Dois olhares sobre a Reforma Protestante. In: Revista de Música Louvor, Convicção, ano 39, v.4, n.149, Rio de Janeiro, 2016.

ANDRADE, Hermes de. O B da Banda. Jodima, Rio de Janeiro, 1989.

ARCHÂNGELO, Maria Paccelle. A volta da música nas escolas. In: Revista de Música Louvor, JUERP, ano 36, v.1, n.134, Rio de Janeiro, 2013.

ARAÚJO, Rosane Cardoso de; RAMOS, Danilo (org), In: Estudos sobre Motivação e Emoção em Cognição Musical. UFRP, Curitiba, PR, 2015.

BASTOS, Gisele. Tom do Céu: Estudantes evangélicos são a maioria em muitas escolas brasileiras de música. Revista Graça Show da Fé. Graça Artes Gráficas, ano 4, n.55, p.16-19, Rio de Janeiro, fev/2004.

CAMPOS, Eder Maurício Alves e. Negro Spiritual. In: Revista de Música Louvor, JUERP, ano 29, v.1, n.106, 2T06, Rio de Janeiro, 2006.

CARDOSO, Márcio. Conhecer para melhor adorar. In: Revista de Música Louvor, JUERP, ano 29, vol. 1, nº 106, 1T06, Rio de Janeiro, 2006.

CAVALCANTI, Célia Regina Pires. Prática Instrumental e autorregulação da aprendizagem: Um estudo sobre as crenças de autoeficácia de músicos instrumentistas; In: ARAÚJO, Rosane Cardoso; RAMOS, Danilo (orgs.) – Estudos sobre Motivação e Emoção em cognição musical. Editora UFPR, p.189-211, Curitiba, PR, 2015.

COROPOS, Mônica. Talento a ser usado nos campos. In: Revista Culto para o Ministério de Música e Líderes de Louvor. JMM/JUERP. Rio de Janeiro. 2009.

_____. Para ser músico-servo. In: Revista de Música Louvor, JUERP, ano 34, v.1, n.126, 1T11, Rio de Janeiro, 2011.

COSTA, Rogério. Serviço x Estrelato. In: Revista de Música Louvor, JUERP, ano 35, v.2, n.132, 3T12, Rio de Janeiro, 2012.

CUNHA, Rosemyriam. A prática musical coletiva. In: Revista Brasileira de Música, Programa de Pós-Graduação em Música, Escola de Música da UFRJ, nov. 2013.

DAVI, Paulo. Canções que impulsionam corações. In: Revista do Músico. Meu chamado, voz de Deus às Nações, JMM/JUERP, Rio de Janeiro, 2015.

DUARTE, Josélia Giordani H. A música e sua influência na qualidade de vida. In: Revista de Música Louvor, Editora JUERP, ano 24,25. v.3, n.92, 3T02, p.24, Rio de Janeiro, 2002.

FEITOSA, Jilza. O Som que ensina. In: Revista de Música Louvor, Editora JUERP, ano 28. v.1, n.109, 1T05, p.24, Rio de Janeiro, 2005.

FIGUEIREDO, Theógenes Eugênio. Uma breve reflexão sobre a canção religiosa. In: Revista de Música Louvor, Convicção, ano 38, v.4, n.145, 1T19, Rio de Janeiro, 2019.

_____. O tipo de qualificação mínima para as pessoas que trabalham dentro do Ministério de Música. In: Revista de Música Louvor, Convicção, ano 42, v.1, n. 158, 1T19, p.6,7, Rio de Janeiro, 2019.

FILHO, Isaltino Gomes Coelho. Formação Ministerial: requisito ou complemento: In: Revista de Música Louvor, JUERP, ano 32, v.2, n.119, 2T09, Rio de Janeiro, 2009.

FILHO, Marcílio de Oliveira. Convivendo com as diferenças. Revista de Música Louvor, JUERP, ano 25, v.2, n. 91, 2T02, p.26, Rio de Janeiro, 2002.

FREIRE, Paulo. Professora, sim; tia, não: Cartas a quem ousa ensinar. Olho d'água, 22ª edição, São Paulo, 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Paz e Terra, RJ. 2010.

GERMANO, Altair. Pedagogia transformadora. CPAD, Rio de Janeiro, 2018.

HUSTAD, Donald P. A Música da Igreja. Trad.: Adiel Almeida de Oliveira, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, SP, 1981.

ICHTER, Bill H. A Música e seu uso nas igrejas (org); JUERP – Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira, RJ, 1980.

JÚNIOR, José Barbosa. A MPB nossa de cada dia nos dá hoje. In: Revista de Música Louvor, JUERP, ano 34, v.1, n. 26, 1T11, p.22, Rio de Janeiro, 2011.

JÚNIOR, José Davison da Silva. Os efeitos da música no ser humano. In: Revista de Música Louvor, JUERP, ano 32, v.4, nº 121, 4T09, p.22, Rio de Janeiro, 2009.

_____. As funções do canto coral. In: Revista de Música Louvor, JUERP, ano 35, v.2, nº 131, 2T12, Rio de Janeiro, 2012.

LESSA, Jefferson. A construção do músico: Entre a Psicanálise e o exercício do Ministério de Música na igreja. In: Revista de Música Louvor, Convicção, ano 40, v.2, nº 151, Rio de Janeiro, 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. Artigo: Pedagogia e Pedagogos: inquietações e buscas. In: Revista Educar, Editora UFPR, n.17, p.153-176, Curitiba, PR, 2001.

LIMA, Ramon Chrystian de Almeida. Tensões na Liderança e a Renovação Pessoal, Edição do autor, Rio de Janeiro, 2017.

LIMA, Priscila de; SOUZA, Fernando Prestes de. *Músicos Negros no Brasil Colonial: Trajetórias Individuais e Ascensão Social (Segunda Metade do século XVIII e Início do XIX)*. Vernáculo. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, n.19-20, 2007.

LOUREIRO, Bruno et al. *Sociologia em movimento*. Moderna, São Paulo, 2013.

LOUZADA, Vinícius do Nascimento. *A importância da Prática Musical Coletiva para o processo de Musicalização: Um estudo de caso com os alunos da Orquestra Experimental da 1ª Igreja Batista em Bairro das Graças, Belford Roxo, RJ*. Monografia de Licenciatura em Música, Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, 2017.

LUZ, Westh Ney Rodrigues. *Culto Cristão: definição e estrutura*. In: *Revista de Música Louvor, Convicção*, ano 41, v.4, n. 157, p.31. Rio de Janeiro, 2019.

MAGALHÃES, Walena Marçal. *Os cuidados emocionais de quem ministra*. In: *Revista de Música Louvor, JUERP*, ano 35, v.2, n. 131, 2T12, Rio de Janeiro, 2012.

MARTINOFF, Eliane H. da Silva. *A música evangélica na atualidade: algumas reflexões sobre a relação entre religião, mídia e sociedade*. *Revista da ABEM, Porto Alegre*, v.23, p.67-74, mar.2010.

MATHIAS, Nelson. *Coral: Um canto Apaixonante*. Musimed, Brasília, DF, 1986.

_____. *A música e seu Ministério da Igreja*. Musimed, Brasília, DF, 1997.

NEDER, Álvaro et al. *Música, religião e produção social de espaço em uma cidade operária – o caso da igreja da pastora Ana Lúcia em Belford Roxo, Rio de Janeiro*, *Per Musi, Belo Horizonte, UFMG*, n.34, p.132-176, Minas Gerais, 2016.

NOLAND, Rory. *O Coração do Artista: Construindo o caráter do artista cristão*. Trad.: Jorge Camargo. W4 Endonet & Ekklesia, São Paulo, 2002.

PENNA, M. *Desafios para a educação musical: ultrapassar oposições e promover o diálogo*. *Revista da ABEM, Porto Alegre*, n. 14, p. 35-43, RS, mar. 2006.

PEREIRA, Rachel Abreu. *Coro Infantil*. *Revista de Música Louvor, Convicção*, ano 42, v.3, n. 160, 3T19, p.08-11, Rio de Janeiro, 2019.

PERRENOUD, Phillippe. *Pedagogia Diferenciada: das intenções à ação*. Trad.: Patrícia Chittoni Ramos, Artmed, Porto Alegre, RS, 2007.

RECK, André Müller. *Práticas musicais gospel no cotidiano e educação musical*. *Revista ABEM, Londrina*, v.20, n.29, p.158-170, PR, 2012.

ROCHA, Luiz Renato da Silva, et al.: *A música como agente transformador na vida do indivíduo*. In: *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 03, Ed. 10, v. 01, p.1-17; p. 05-40, São Paulo, outubro, 2018.

_____. *Entre o secular e o cristão: discutindo a formação do músico evangélico*. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 04, Ed. 11, v. 04, p.1-17; p. 136-158, São Paulo, novembro, 2019.

SANCHES, Júlio Oliveira. *Músicos todos os dias*. In: *Revista de Música Louvor, JUERP*, ano 30, v.4, n. 113, 4T07, Rio de Janeiro, 2007.

SCHAFER, R. Murray. O Ouvido pensante. Arcana Editions, Canadá, 1986; Tradução brasileira: Marisa Trench de Oliveira Fonterrada, [et al], UNESP, São Paulo, 1992.

SILVA, Berenice Antunes de. Música como estímulo e louvor para o idoso. In: Revista de Música Louvor, JUERP, ano 27, v.4, n. 101, 2T04, Rio de Janeiro, 2004.

SILVA, Elias Moreira da. A doutrina básica da música na igreja. In: Revista de Música Louvor, JUERP, ano 24, v.4, n. 89, 4T01, Rio de Janeiro, 2001.

SILVA, João Carlos da. Amantes da Música. In: Revista de Música Louvor, JUERP, ano 26, v.2, n. 95, 2T03, p.26,27, Rio de Janeiro, 2003.

_____. Trajetória de uma família negra na música de banda em Nova Iguaçu. Dissertação de Mestrado, PPGEDUC, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ/FEBF, 145 f., Rio de Janeiro, 2020.

SILVESTRE, Jairo. A Música no culto cristão. In: Revista de Música Louvor, JUERP, ano 25, v.4, n. 93, 4T02, p.28,29, Rio de Janeiro, 2002.

SOUZA, Sócrates Oliveira de: O porquê do tema da Campanha. In: Revista Culto para o Ministério de Música e Líderes de Louvor, MMM/JUERP, Rio de Janeiro, 2009.

STEFANI, Wolfgang M. Trad.: Levi Tavares. Mas não é apenas músico? Um estudo sobre a poderosa e evidente influência da música. In: Revista de Música Louvor, JUERP, ano 29, v.1, n.106, 1T06, p.28,29, Rio de Janeiro, 2006.

VOLI, Franco. A auto-estima do professor – Manuel de reflexão e ação educativa. Trad.: Ivone Maria de Campos Teixeira da Silva. Loyola, São Paulo, 2002.